FORMAÇÃO PEDAGÓGICA: NOMADISMO E EXPERIMENTAÇÃO

Angélica Vier Munhoz/UNIVATES
angelicavmunhoz@gmail.com
Mariane Ohlweiler/UNIVATES
mariane_ohl@yahoo.com.br
Morgana Domênica Hattge/UNIVATES
mdhattge@univates.br

Resumo

O presente artigo busca contextualizar e analisar algumas práticas desenvolvidas no projeto de extensão *Formação Pedagógica e Pensamento Nômade*, do Centro Universitário Univates, vinculado a uma pesquisa desenvolvida no mesmo espaço, intitulada *O currículo em espaços escolarizados e não-escolarizados no Brasil e na Colômbia: diferentes relações com o aprender e o ensinar*, destacando assim o movimento de interlocução entre ensino, pesquisa e extensão. Além disso, procura pensar a formação docente como movimentos de linhas e segmentaridades, com a produção de uma subjetividade que ensina e constitui o professor. Experiência, formação e nomadismo são alguns dos conceitos escolhidos para dar sustentação ao projeto. Tais intercessores tornam-se importantes para a produção de subjetividades que buscam experimentar-se de outros modos, em meio a currículos que se organizam em formas mais abertas, fluídas e lisas. Nessa medida, o texto passa por construções e compreensões do pensamento nômade, do exercício do pensar, dos movimentos e trocas entre a produção da vida e suas materialidades e das experimentações no processo de formação docente, a partir da utilização dos conceitos da filosofia da diferença, sobretudo com a aproximação de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault e Roland Barthes. O projeto, iniciado em 2013, propõe uma agenda de extensão voltada para a formação inicial e continuada dos professores do Vale do Taquari/RS, com o objetivo de subverter a lógica de uma formação de professores fundamentada em propostas de capacitação, em discussões alicerçadas em uma forma única de se entender a docência e seus desafios contemporâneos. Dessa forma, para além de atividades que se encontram na busca de intersecção entre ensino, pesquisa e extensão, concluímos que o projeto tem possibilitado ampliar as discussões filosóficas sobre a educação, bem como criar um espaço de experimentação de outros modos de formação docente.

Palavras-chave: Formação pedagógica; Currículo; Nomadismo

Abstract

This paper aims at both contextualizing and analyzing some practices of the extension project known as *Pedagogical Education and Nomadic Thought*, which has been carried out at Univates University Center as part of a research called *The Curriculum in Schooled and Non-Schooled Settings in Brazil and Colombia: different relations to learning and teaching*, with an emphasis on the dialogue between teaching, research and extension. Furthermore, it regards teacher education as movements of lines and segmentarities which produce a subjectivity that both teaches and constitutes teachers. Experience, education and nomadism are some of the concepts selected to support the project. Such intercessors have become

important for the production of subjectivities that search for new ways of experiencing themselves in more openly, fluidly and smoothly organized curricula. This paper addresses constructions and understandings of the nomadic thought, the exercise of thinking, the movements and changes between life production and its materialities, and the experimentations in the teacher formation process, by using concepts taken from the philosophy of difference, particularly with contributions of authors such as Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault and Roland Barthes. The project, which was started in 2013, proposes an extension agenda for initial and continuing teacher education in Taquari Valley in Rio Grande do Sul aiming at subverting the logic of teacher education founded on capability proposals, on discussions based on one single way of understanding teaching and its contemporary challenges. Thus, by going beyond the activities found in the intersection of teaching, research and extension, it is possible to conclude that the project has enabled us to broaden philosophic discussions about education and create some space for experiencing other kinds of teacher education.

Keywords: Pedagogical education; Curriculum; Nomadism.

O presente artigo busca contextualizar e analisar algumas práticas desenvolvidas em um projeto de extensão do Centro Universitário Univates, destacando o movimento de interlocução com o ensino e com a pesquisa. Por outro lado, busca pensar a formação docente enquanto movimentos de linhas e segmentaridades com a produção de uma subjetividade que ensina e constitui o professor. Nessa medida, o texto passa por construções e pela compreensão do pensamento nômade, do exercício do pensar, dos movimentos e trocas entre a produção da vida e suas materialidades, das experimentações no processo de formação docente a partir da utilização dos conceitos da filosofia da diferença.

Desde 2011, o curso de Pedagogia vem oferecendo atividades de extensão através de seus grupos de estudos, ciclo de debates, palestras, cursos, exposições, saraus e oficinas da brinquedoteca, reunindo alunos e docentes da Univates, egressos e docentes das redes de ensino pública e privada. Até março de 2012 essas atividades vinham sendo desenvolvidas de forma voluntária pelos professores do curso de Pedagogia. Com a aprovação da primeira edição do projeto *Formação pedagógica e pensamento nômade* pelo edital Propex/Univates 01/2012, essas atividades passaram a fazer parte de uma agenda de extensão semestral oferecida para alunos de graduação e professores em formação da região, fortalecendo as relações com a comunidade das redes de ensino do Vale do Taquari.

Um dos objetivos principais das atividades do projeto é subverter a lógica de uma formação de professores fundamentada em propostas de capacitação, de discussões aligeiradas sem possibilidades de criação por parte do professor e alicerçadas em uma forma única de se entender a docência e seus desafios contemporâneos. Dessa forma, tomando

como referencial teórico autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Roland Barthes, as atividades do projeto se realizam no sentido de um questionamento e problematização constantes acerca das práticas docentes desenvolvidas em espaços escolares e não escolares. Busca-se assim subsidiar os professores em formação inicial ou continuada mobilizando-os para a construção de uma docência interpelada por possibilidades de criação de outras formas de ser aluno e professor mais múltiplas e singulares.

Nesse sentido este Projeto de Extensão dialoga com as discussões realizadas a partir do projeto de pesquisa intitulado *O currículo em espaços escolarizados e não-escolarizados no Brasil e na Colômbia: diferentes relações com o aprender e o ensinar,* do qual participam alguns pesquisadores que também atuam no presente projeto de extensão. A pesquisa busca investigar as especificidades curriculares em espaços escolares e não escolares e suas relações e cruzamentos com os movimentos escolarizados e não escolarizados. Embora os conceitos de escolar e não escolar misturem-se com o de escolarizado e não escolarizado, tais delimitações não são precisas, uma vez que outros determinantes, além do espaço físico, devem ser considerados, tais como as relações, movimentos e disciplinamentos em cada espaço educativo. Contudo uma vez tomada por escolarizada, a educação irá pressupor, também, a invenção de espaços próprios, o controle do tempo em que se desenvolvem as atividades, a seleção dos saberes aos quais se confere caráter de universalidade, a invenção de uma relação saber-capacidade, a obrigação à frequência, a desqualificação de outras práticas distintas, a seriação, a avaliação e a certificação (CORRÊA, 2000, p.54).

Dessa forma, investigar os movimentos escolarizados e não escolarizados em espaços escolares e não escolares, abre possibilidades de reflexão e de experimentação de outras práticas de formação docente, tais quais as que têm lugar nas atividades do presente projeto de extensão.

1. Currículo e nomadismo

É sempre difícil colocar em prática aquilo que o pensamento consegue imaginar. Também é difícil pensar em uma prática sem que a mesma remeta a um "como fazer". Mas a palavra "como", na maioria das vezes, remete a um modelo, a uma forma ou padrão. Tais segmentações produzem a morte da diferença e a impossibilidade de criação.

Contudo é possível pensar em experiências, em experimentações, em exercícios do aprender que são anteriores ao saber constituído, aos regimes de verdade, às fórmulas infalíveis. Sensível à escuta de intercessores, sem compromisso com o sucesso a qualquer

preço, tais experiências e experimentações podem abrir-se a um espaço de vida na formação pedagógica, nos quais os devires são produzidos nos encontros, nas relações com o aprender, nos processos de criação, ensaios, exercícios do pensar.

Por sua vez, as experimentações implicam em movimentos curriculares desprovidos de processos sedentários de estratificação. Os conceitos e saberes, quando explorados em suas amplitudes, vão criando outras paisagens, percorrendo diversos caminhos, desconstruindo imagens que emergem do pluriverso escolar, nos possibilitando novas formas de vivenciar os espaços e os movimentos do currículo. Mas o espaço nômade não pode ser delimitado. Se é verdade que o espaço nômade se configura por uma arquitetura intensiva, sob a medida do tempo e da dimensão física do espaço, subordinando, assim, toda formação pontual à força e às determinações de seu trajeto, também é fato que ele "não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado", sendo o último "constantemente revertido, devolvido a um espaço liso" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 180).

O currículo, assim, opera como produtor de subjetividades. O currículo nos forma, (de)forma, (des)forma. Como afirma Silva (2001, p. 150), "o currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso...". Na medida em que saímos dos caminhos já traçados e deslizamos por fronteiras não disciplinares, engendramos diferentes práticas de educar e movimentos nômades que produzem outras formas de existência que aposta mais nos devires e menos nas estratificações, desviando dos modos de subjetivação vigentes.

> Em meio a experimentações nômades e formações sedentárias, interessa pensar as passagens e as combinações, as alternâncias e sobreposições entre as operações de alisamento e estriagem, ou seja, de que modo a organização dos saberes, das práticas, da vida, pode entrar em um movimento contínuo de desprendimento de valores, medidas e propriedades, ao mesmo tempo em que as linhas de fuga, os movimentos criadores, não cessam de ser rebatidos e remanejados por uma maquinaria normativa.(MUNHOZ ET AL, 2013, p.50)

Em efeito é possível afirmar que formação não é buscar uma forma, mas produzir um território que se compõe como um campo de forças criando múltiplas formas de pensar e habitar o campo da formação docente. Tal movimento de formação se dá por deslocamento da maneira como afirma Foucault:

> Meu problema, ou a única possibilidade de trabalho teórico para mim, seria somente a de deixar o desenho mais inteligível possível, o traço do movimento pelo qual eu não estou mais no lugar onde estava agora há pouco. Daí, a perpétua necessidade de realçar o ponto de passagem que a cada deslocamento arrisco modificar, senão o conjunto, pelo menos a maneira pela qual se lê ou pela qual se apreende o que pode

> haver de inteligível. Essa necessidade, portanto, não aparece jamais como plano de um edifício permanente; não é preciso reclamar e impor as mesmas exigências como se tratasse de um plano; trata-se, mais uma vez, de traçar um deslocamento, traçar não edifícios teóricos, mas deslocamentos pelos quais as posições teóricas não cessam de se transformar. (FOUCAULT, 2007, p. 291)

O pensamento nômade tem em sua potência a capacidade de gerar desterritorializações. Nesse sentido, as práticas e os modos de vida não se encontram desconectados dos conceitos, das ideias que perpassam, por meio de suas ações, as estruturas e sedentariedades.

Segundo Veiga-Neto (2002, p. 165),

> [...] o currículo contribuiu para a espacialização do tempo, isto é, para o entendimento de que o tempo é redutível ao espaço, pode ser pensado em função do espaço, na medida em que passou a ser visto como rebatível ao espaço.

Se, por um lado, o currículo contribuiu e até hoje contribui para a espacialização do tempo, inferimos que é a partir do questionamento deste espaço que se pretende tão fixo que poderemos compreender um pouco mais das ações que compõem esse espaço, e quiçá, na medida do possível subverter algumas (mesmo que poucas) lógicas de tempo e espaço.

Nas palavras de Silva (2001), a etimologia da palavra "currículo", oriunda do latim *curriculum*, significa "pista de corrida" e remete à ideia de que

> [...] no curso dessa 'corrida' que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos. [...] o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. (SILVA, 2001, p. 15).

Ao mesmo tempo em que compreendemos o currículo como um artefato amplo de constituição de práticas e subjetividades que vai muito além de uma definição de disciplinas e conhecimentos a serem ensinados e aprendidos, vemos a necessidade de pensar sobre como opera essa "constituição".

Cabe destacar, porém, que discutir, estudar, pesquisar e analisar as práticas e os modos de subjetivação de espaços escolarizados e não escolarizados não nos colocará na posição de expectadores, de quem pode observar os atores em cena e a direção que os move. Antes, faz com que possamos compreender por que algumas cenas são direcionadas de determinadas formas, sem deixarmos de atuar nelas. O que de início pode vir a ser uma compreensão rasa do cenário, pode, em outro momento fazer com que possamos repensar os gestos que acompanham a nossa atuação. Ou, ainda, compreender por que algumas "falas" são delegadas

a nós e tão rapidamente as incorporamos como “exclusivamente nossas” – quando, nada mais são que uma das componentes de um roteiro amplo e definido de acordo com nossos respectivos papéis, os quais dizem respeito às práticas de nosso tempo, ou, em outras palavras, ao “roteiro” no qual nos encontramos.

Trata-se de um processo de desnaturalização, fundamental para que possamos mergulhar na experiência presente, abrindo espaço para os acontecimentos. Esse é um exercício que exige desconfiar das certezas, de todas as formas prontas, dos currículos engessados, mas também um exercício de buscar saídas, encontrar novas formas de ação e, sobretudo, experimentar outras práticas de formação docente. Como afirma Nietzsche (1996, p.17), “muitas coisas, fique dito de uma vez por todas, quero não sabê-las. A sabedoria impõe limites ao próprio conhecimento”.

2. O projeto

Em 2013 foi realizada a primeira edição do projeto, com a proposição de agendas semestrais de atividades que contemplavam temas acerca da educação e seus cruzamentos com as artes visuais, a literatura, a música, o cinema, a filosofia. No final de 2013 o projeto foi novamente encaminhado e aprovado no edital Propex/Univates 003/2013, garantindo a sua continuidade em 2014. Em efeito, novas agendas de extensão estão sendo propostas para 2014. Embora o projeto esteja vinculado ao curso de Pedagogia da Univates, as atividades são abertas a alunos de outros cursos, egressos, professores e gestores das redes pública e privada, além de docentes da Univates. O projeto também possibilita parcerias com as redes de ensino público e privado em torno de temas específicos, de acordo com as demandas solicitadas.

A cada semestre novas atividades são propostas na agenda de extensão, no entanto outras seguem uma continuidade como os grupos de estudos que analisaremos com maior profundidade na seção seguinte. Além dos grupos, porém, são oferecidas atividades nas seguintes modalidades: oficinas desenvolvidas por professores extensionistas; oficinas desenvolvidas por alunos do curso de Pedagogia na atividade curricular de Estágio supervisionado do Ensino Médio, orientadas pelos professores extensionistas; ciclo de debates realizados por professores de diferentes áreas em torno de um artista, literário, filósofo; oficinas organizadas pelos monitores do laboratório brinquedoteca, do curso de Pedagogia; palestras acerca de temas contemporâneos da educação e suas interfaces; saraus e exposições organizadas em torno de temas trabalhados em disciplinas.

Experiência, formação e nomadismo são alguns dos conceitos escolhidos para dar sustentação ao projeto. Tais intercessores tornam-se importantes para a produção de subjetividades que buscam experimentar-se de outros modos, em meio a currículos que se organizam em formas mais abertas, fluídas e lisas. As diversas atividades propõem-se a desfazer lugares fixos – de salas, escolas e posicionamentos – para experimentações em deslocamentos que queiram trocar a dureza da fixidez de posições instituídas pela flexibilidade em aprendizagens ora inovadoras, ora que repensem o que se fazia pela repetição sem emoção.

3. Movimentos e experimentações

As atividades propostas pelo projeto *Formação pedagógica e pensamento nômade* têm possibilitado um movimento que busca problematizar as ideias salvacionistas de educação, que idealizam o espaço escolar e as relações que nele se constituem. Pois, conforme alertam Fischman e Sales (2010, p. 14), "a narrativa redentora articula as intensas e ácidas críticas usadas para denunciar as escolas 'realmente existentes' que, de maneira dualista, são responsabilizadas por quase todos os problemas" ao mesmo tempo em que são consideradas o último espaço de esperança para melhorias sociais de cunho mais amplo.

Nesse sentido, os encontros realizados a partir das diferentes atividades do projeto pretendem mobilizar o pensamento e encontrar pontos de fuga em discursos fixos que remetem a respostas pontuais, numeráveis e classificáveis. Usamos e destacamos a expressão "encontro", pelo fato das atividades caracterizarem-se em um espaço de embate, uma vez que nele reunimos alunos de licenciaturas, professores da Educação Básica e Ensino Superior e o público da comunidade universitária em geral. São encontros que possibilitam o cruzamento de ideias, questionamentos e anseios oriundos de espaços de trabalho diferenciados, mas que se interpenetram.

> A educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosanamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (GALLO, 2012, p. 01)

Em certa medida, algumas temáticas que nem sempre possuem o espaço amplo e desejado para aprofundamento das discussões nas disciplinas ministradas pelos professores que compõem o quadro dos cursos de Pedagogia, Licenciaturas e Psicologia, são contempladas nas atividades do projeto. Além de estes espaços serem propostos como lugares de "ruptura" – pelo fato de se diferenciarem da dinâmica estabelecida em sala de aula – vemos neles, a possibilidade de ir além da demanda curricular dos cursos acima citados.

As discussões partem de temáticas que são perpassadas por seus múltiplos cruzamentos, em formas de palestras, grupos de estudos, ciclo de debates, oficinas, exposições e saraus. São realizadas leituras de textos, livros, produções escritas, explanações de cenas fílmicas, literárias e de demais artefatos culturais em geral. E nesta multiplicidade de olhares viabilizados por diferentes "cenários" as discussões podem trazer à tona alguns embates teóricos, e o pensamento nômade, descentralizado de ideias fixas, multifacetado e plural apresenta as potencialidades de fazer com que, como já dizia Michel Foucault, possamos pensar diferentemente do que pensávamos:

> Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir**.** (FOUCAULT, 1994, p.13)

Neste sentido, nesse projeto de extensão, nos importa pensar a formação para além dos sentidos externos aos sujeitos. Em tempos de habilidades e competências, queremos, na contramão, viver a formação como uma experiência que não encontra seu sentido expresso em estatísticas que queiram alcançar os professores, mas levá-los a experimentar-se na criação em momentos de atividades provocadoras. A proposta de levar para a extensão a formação docente, mesclando aos diversos saberes que se constituem no fazer pedagógico de professores que já atuam nas escolas e a proximidade com referenciais teóricos que instigam os saberes estéticos- artísticos e culturais, perfaz a própria experimentação de formadores na educação.

Como uma proposta "de-formação", propõe-se uma formação filosófica e estética, cujas práticas nem sempre se identificam com as diretrizes para a formação de professores, nas quais imperam, muitas vezes, os modelos, as fórmulas prontas, as rotas seguras, com pontos de partida e de chegada pré-definidos. Nosso desejo é trilhar outros caminhos, explorar labirintos, espaços lisos, buscando nos deter mais na fruição das possibilidades que o caminho nos apresenta do que na busca apressada pela saída. Ou talvez, na esteira de Barthes (2007) possamos tornar possível, na formação de professores, viver a experiência de desejos plurais –

“[...] tantas linguagens quantos desejos houver: proposta utópica, pelo fato de que nenhuma sociedade está ainda pronta para admitir que há vários desejos” (BARTHES, 2007, p. 24). No lugar de uma formação pedagógica que se produz a partir da falta, uma “de-formação” produzida a partir de diferentes linguagens, desejante de outros agenciamentos. “Desejar só acontece no encontro: quando uma força emerge, ela toma a dianteira e se liga insconscientemente a outra força” (NEVES, 2012, p. 70).

> Ao fazer uma análise sobre essa produção do desejo e essas paisagens não constituídas numa aula, Barthes (2003) criará a figura do “traço” como agenciador de possíveis. E pelo traço, este sempre impreciso, vago, difuso e um tanto neutro, que a lista de enunciadores do desejo é constituída, sempre com generosas doses de acaso e ao sabor dos encontros. (MUNHOZ; COSTA, 2013, p. 64)

E nesses encontros, para além da produção de novas categorizações, de novos enquadramentos que se criam quando nomeamos as atividades curriculares como inter, trans, pós-disciplinares, o que se produz não necessita da criação de outros nomes. Mobilizados mais pela vontade de saber do que por códigos institucionais e institucionalizados, os encontros possibilitam que diferentes disciplinas conversem, discutam, se interroguem, concordem, discordem. No lugar de movimentos de busca de consensos, a produção de vozes dissonantes têm lugar.

Para além de atividades que se encontram na almejada intersecção entre extensão, ensino e pesquisa, concluímos que o projeto tem possibilitado um espaço que amplia as discussões de cunho teórico, filosófico e cultural que perpassam os cenários pedagógicos em suas mais variadas configurações. Conforme Jenize (2004, p. 3), a extensão universitária “(...) passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos [...] promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos”. Temos observado que estas ações corroboram com a flexibilização do currículo e a interlocução com demais atores sociais que não se encontram necessariamente inseridos na universidade. Assim, ampliam-se as possibilidades de se pensar e construir uma formação docente que converta a docência em um espaço de criação. Nesse espaço outros processos de subjetivação docente e discente são possíveis.

Referências

BARTHES, Roland. *O neutro*. Tradução por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução por Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

CORRÊA, Guilherme. Oficina: novos territórios em educação. In: PEY, Maria Oly. *Pedagogia Libertária: experiências hoje.* Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997

FISCHMAN, Gustavo E. ; SALES, Sandra Regina. Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras? In: *Revista Brasileira de Educação*. v. 15, n. 43, jan./abr. 2010, p. 7-20.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994

FOUCAULT, M. 1ª Aula, 9 de Janeiro de 1980. *Verve*. Revista Semestral do Un-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária. Programa de Estudos Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Paulo, PUC-SP, nº. 12, 2007a. P. 270-297.

GALLO, Silvio. *Eu, o outro e tantos outros*: educação, alteridade e filosofia da diferença: Artigo científico. Disponível em: http://gajop.org.br/justicacidada/wp-content/uploads/eu-o-outro-e-tantos-outros-S%C3%ADlvio-Gallo.pdf. Acessado em 28 de maio de 2012.

JENEZI, Eneide. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf Acessado em 30 de março 2014.

MUNHOZ, Angélica V. et al. Nomadismo e formação pedagógica. In: MUNHOZ, Angélica V. et al (orgs.). *Caderno Pedagógico* – Educação e Pedagogia. Lajeado, Univates, Vol. 10, n. 2, 2013. P. 47 -60.

MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Luciano Bedin da. Uma aula não precisa ser confundida com todas as aulas. In: SALES, José Albio Moreira de; FELDENS, Dinamara Garcia. *Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2013, p. 61-72.

NEVES, Claudia Abbês Baêta. Desejar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença***:** um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 89-91.

NIETZSCHE, Friedrich (1996): *Crepúsculo dos Ídolos*. Lisboa: Guimarães, 1996

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade*: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. De geometrias, currículo e diferenças. In: *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº 79, Agosto/ 2002, p. 163-186.